

## PREFACIO A EDIÇÃO PORTUGUESA

*Não nos é possível por agora, fazer uma reflexão aprofundada acerca do trabalho de René Zazzo, Vida e Obra de Henri Wallon, pequeno livro que é, aliás, uma bela introdução ao pensamento de Wallon feito pelo seu discípulo e continuador, e que noutra altura aprofundarei como merece. Por agora, dada a impossibilidade de um tal estudo, sugiro ao leitor um possível modo de abordar a presente obra.*

*Começarei por recordar resumidamente o capítulo «Retrato de Henri Wallon» no qual Zazzo nos fala do homem.*

*Wallon foi realmente um mestre que permitiu que algo se organizasse à sua volta, sobretudo o trabalho de várias pessoas, graças à interligação do «afectivo» e do «científico». É essa presença física, psicológica e científica que Zazzo aborda com afecto e admiração.*

*Assim foi possível que nascesse uma escola, uma comunidade de trabalho e não uma «seita» ou «capela». Daí a importância de certas personalidades que sirvam de modelo a outras para o progresso do conhecimento. Silvio Lima dizia num contexto aproximado: «As nossas Universidades e Institutos, ... têm enfermado da carência de poderosas individualidades cria-*

doras à Wundt, Piéron e Michotte.» Direi sobretudo que se sente entre nós a falta de personalidades como Wallon, onde o cientista se liga atenta e militantemente ao político, contribuindo para as grandes transformações. Como nos diz Zazzo: «É a ciência que faz o marxismo e não o marxismo que faz a ciência.»

Da resistência à libertação, da longa noite da destruição da razão — o fascismo — à alvorada de libertação, Wallon foi exemplar, congregando, apesar de tudo e de todos, amigos e colaboradores que «à sua luz» fizeram progredir as ciências do Homem e contribuíram, na medida do possível, para uma sociedade mais justa.

Da libertação e dessa colaboração, recordo a Reforma Languvin-Wallon, que ainda hoje a França não ousou por razões óbvias pôr em prática na sua totalidade.

Vejam os em seguida um outro capítulo, que escolhemos por nos parecer ser um resumo da obra de Wallon, feito em intenção dos psicólogos americanos que praticamente o desconhecem. É o capítulo «Quem é Henri Wallon». Como nos diz Zazzo, Wallon é conhecido por toda a parte, mas existe «um último universo para conquistar, o do mundo anglo-saxónico». Talvez que esse desconhecimento se deva à complexidade da obra, que propõe uma via original para explicação do comportamento.

Em 1925, com a publicação de L'Enfant Turbulent, Wallon propõe aquilo que mais tarde se chamará uma «neuropsicologia». Em 1925 não tem ainda a possibilidade de erigir tal ciência, que sob certos aspectos aprofunda por volta dos anos quarenta, em Les Origines du Caractère chez l'Enfant.

Na primeira obra ele tenta mostrar (descrever) e explicar como o sistema nervoso se vai hierarquizando. De comportamentos simples (actos) ele vai diferenciando cada vez mais

(gênese dos tipos motores e psicomotores) até à gênese do psíquico (pensamento). Por outras palavras, do comportamento motor às estruturas mais evoluídas, cognitivas ou categoriais, a conduta se vai organizando. Mas é através de uma noção-chave, a emoção, que se estabelece a relação entre biológico, social e psicológico. Primeiramente ligada ao tónus, seu suporte, a emoção diferencia-se através da socialização (o papel do socius ou de outrem na edificação do psiquismo), para culminar naquilo que se poderá, impropriamente talvez, chamar personalidade.

Assim se estabelece um sistema equilibrado e articulado entre aspectos neurobiológicos, aspectos socio-afectivos e aspectos cognitivos.

Essa neuropsicologia, hoje tanto em voga sobretudo nos autores americanos e soviéticos, Wallon foi o primeiro a reconhecer-la embora com o nome de Psicobiologia. Aliás, o Laboratório Wallon, nome que tomou após a sua morte ocorrida em 1962, chama-se «Laboratório de Psicobiologia da criança», nome programático, e elucidativo do que vimos dizendo. Recordemos finalmente que no projecto walloniano de psicobiologia, está também para além da fundação neurobiológica e genética (no sentido do desenvolvimento) uma fundamentação patológica. Basta recordar que os tipos psicomotores estão intimamente relacionados com os síndromas de insuficiência psicomotora.

Vamos terminar este breve prefácio citando Zazzo: «A motricidade e a consciência são os dois pólos entre os quais se poderia classificar as várias concepções de psicologia. A dialéctica de Wallon consiste em unir aquilo que à primeira vista nos surge como não conciliável: através da sua teoria da emoção ele opera a junção entre a motricidade e a representação, tenta a passagem entre o orgânico e o psíquico.»

*Éis uma muito breve reflexão sobre uma obra gigantesca, que parece cada vez mais actual, dados os progressos simultâneos dos estudos neurobiológicos e da psicologia.*

*Wallon é o precursor de uma nova ciência, é essa a advertência de Zazzo, na presente obra.*

*Março de 1978.*

JOAQUIM BARRÃO